

MARINA KON

12321

O AMOR
É UM
PALÍNDROMO

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2022

*quando você me toca, entre o céu e a língua, no seu silêncio
de quem dá prazer, eu me caibo. até a última gota que
escorre pelos seus lábios, pelo seu dedo que a traz de volta
à boca.*

O amor é um palíndromo. Hoje vejo você de longe e longe é de novo o seu lugar. Outro dia me deparei com um resquício da sua animosidade, um tufo do meu cabelo no chão do quarto. Em momentos como esse, sinto que poderia perdoá-lo, ou ao menos recitar de cor os seus poemas de língua enquanto gemo. Antes de mim, você não conhecia a saciedade, entre o pó e diferentes mulheres. Toda noite, sempre o vazio de não pertencer a lugar algum. Sinto que você teria me amado melhor se conseguisse se manter sóbrio e se mostrasse a mim num estado mais consciente. Mas você nunca conseguiu ir além. Sua única certeza era a de que linhas paralelas não se encontram. E se eu te dissesse que elas se encontram no infinito?

gostei de conhecer sua casa. assim posso te visualizar de uma forma mais realista quando me diz que está lendo ou escutando música deitada na cama. todo mundo da sua casa gosta de futebol? eu falei que sua mãe parecia com você, mas não notei nenhuma semelhança. ela gosta de conversar, você sempre na sua. às vezes eu falo umas coisas sem sentido para puxar assunto e é até engraçado. eu não sabia que você dançou forró quando foi para a Bahia. interessante. encontrei uma lista em cima da sua escrivaninha: abacaxi, irmão do meio, dedos dos pés. não te falei na hora, mas eu me segurei para não rir. nós dois somos meio loucos. sua coleção de livros é absurda. só de Saramagos quase uma estante. você tem mais tempo livre para ler do que eu. ando muito ocupado com o mestrado. ler romances e escrever poesias só depois. achei seu último texto uma graça. tem uma pureza infantil que é corajosa. eu não teria coragem de publicá-lo como você fez. não é que tenha ficado ruim nem nada. só menos refinado.

Sem julgamentos, sem a constante cobrança por perfeição, você compartilharia a sua arte sem subjugar a minha. Talvez entenderia que no meu desabafo há tentativa de literatura. Você me sentia ingênua e usava comigo um tom condescendente que feria a minha vaidade de uma maneira que só as mulheres compreendem. Quem sabe um dia você entenda que na sensibilidade há força. Apesar de tantos juízos que fez a meu respeito, disse que não conseguia me ler: só outra forma de me colocar naquele pedestal de mulher exótica e misteriosa, onde outros homens já me colocaram. Colocar num pedestal é fazer objeto. Quando deitada rente ao seu rosto, você dizia sentir meus cílios, o abrir e fechar dos olhos, minha timidez. Lábios semiabertos, esta boca nua. Você sentia a minha dor que te precedia, o meu desgaste com os homens.

*são outras barbas que irritaram a tua pele, são teus
outros homens. se o gatilho foi apertado, é porque
já existia.*

Eu concordo. Uma hora a gente tem que aprender a se responsabilizar; mas essa não é minha nem sua: algumas dores só são. A tristeza, essa bactéria oportunista que dança acariciando o tecido de seda dos lençóis, aquele mesmo tecido que tocava a gente quando a gente se tocava. Em movimento, ela tem a leveza da ternura e me comove como só as danças apagadas são capazes de fazer. Ainda que eu mal compreenda sua melodia, há dias em que a chamo silêncio. Uma hora a música se esvai e a tristeza interrompe a sua dança, não sem antes deixar um vazio de copo, sua sequela. É difícil deixar ir quando a gente se sente confortável, ainda que na dor. A tristeza, antes de ser a lacuna entre nós, é o nosso último elo. Ela tem o seu rosto.

eu não preciso de palavras, quero antes o seu gosto, o seu calar enquanto geme sem pudor. sua face mais real é impura e eu vejo você, eu a enxergo. mais que buceta, é mulher nas minhas mãos coreografadas.

aqui e agora, você repetia no meu ouvido, quando nossas mãos se excediam dentro do carro. Suas mãos trêmulas me agradavam tanto quanto o peso do seu corpo que me pressionava contra o banco. Nessas horas, eu aclamava a gravidade com sons que se encontravam nos limites internos. A mudança de frequência das nossas respirações era a música do rádio. Respirando, a gente se reconhecia na nossa condição animal. Seus cabelos despenteados chamavam o vento, desembaçando os vidros e depois era tudo silêncio, mais íntimo que o próprio sexo.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em outubro de 2022.
